

SUMÁRIO

Introdução à Edição Brasileira de Júlia Bárány

Parte I - Notas Introdutórias de Manly P. Hall

Apresentação

1. O Homem que não morre
2. O Mais Raro dos Manuscritos Ocultos

Parte II - A Santíssima Trinosofia do Conde de Saint-Germain

3. Tradução do Manuscrito A Santíssima Trinosofia por Manly P. Hall e Júlia Bárány

Parte III - Comentários de Manly P. Hall

4. Os Mistérios
5. Interpretação de Figuras e Texto

Sobre Manly P. Hall

(inserir imagem: Cagliostro)

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Este escrito é de máxima importância para todos os estudiosos das ciências ocultas, por isso ao preparar a edição brasileira, fui pesquisar as edições existentes em outras línguas, e encontrei a da Philosophical Research Society, a mais completa.

Como hoje as atenções se voltam novamente para a figura enigmática do conde de Saint-Germain, a Barany Editora brinda seus leitores com a republicação desta tradução extremamente cuidadosa do texto original em francês, junto com uma introdução histórica e o trabalho raro de decodificação dos criptogramas feito pelo doutor Edward C. Getsinger, eminente autoridade em alfabetos e línguas antigas, comentado e elaborado por Manly P. Hall.

Para o leitor que está se familiarizando com o assunto, este adendo é de inestimável valor para conseguir enxergar a beleza escondida no escrito. Aquele que já se debruça há algum tempo sobre os significados ocultos, poderá desfrutar de novos vislumbres e articular ligações.

O texto em si não é longo, trazendo, em 96 páginas do manuscrito original em francês, a descrição do caminho iniciático.

O que realmente me deixou fascinada foi descobrir que o original é COLORIDO! Nenhuma das edições existentes reproduziu o original em cores. A digitalização do original se encontra na Bibliothèque de Troyes, guardiã atual do manuscrito, e pode ser acessada aqui:

Boa leitura!

Júlia Bárány
São Paulo, Maio, 2022

APRESENTAÇÃO

Uma referência interessante a Saint-Germain apareceu no *London Chronicle*, de 31 de maio a 3 de junho, 1760, sob o título "Histórias de um misterioso estrangeiro":

"Da Alemanha ele levou para a França a reputação de grande e poderoso alquimista, que possuía o pó secreto e, por consequência, o remédio universal. Corriam rumores de que o estrangeiro sabia fabricar ouro. A forma dispendiosa na qual vivia parecia confirmar esse relato, mas o ministro da época, a quem o assunto fora confidenciado como importante, respondeu sorrindo que o resolveria rapidamente. Ele ordenou um inquérito para determinar de onde vinham as remessas que ele (Saint-Germain) recebia, e disse àqueles que o procuraram que logo lhes mostraria quais eram as riquezas produzidas pela pedra deste filósofo. Os meios que aquele homem ilustre utilizou para explicar o mistério, embora muito sensatos, só serviram para aumentá-lo. Não se sabe se o estrangeiro tomou conhecimento do inquérito que foi ordenado e encontrou meios de burlá-lo, ou por quaisquer outros motivos desconhecidos, o fato é que no espaço de dois anos, enquanto era observado, ele viveu como de costume, pagando tudo em dinheiro vivo e, no entanto, não entrou no reino nenhuma remessa que lhe fosse destinada." (Reimpresso nas páginas 95-96, *Secret Societies and the French Revolution* [Sociedades Secretas e a Revolução Francesa], de Una Birch.)

Podem-se citar numerosos autores que tiveram alguma relação passageira com o conde de Saint-Germain, porém, a maioria dos incidentes registrados não fornece pista alguma sobre suas convicções religiosas ou filosóficas, ou as instruções secretas que supostamente ele ministrava a um pequeno círculo de discípulos aceitos.

Tanto *La Très Sainte Trinosophie* da Biblioteca de Troyes, na França, quanto o manuscrito criptografado *La Magie Sainte*, da Biblioteca de nossa Sociedade, são dedicados inteiramente aos segredos mais profundos da tradição esotérica. Há relatos sobre a existência de um terceiro manuscrito que, de acordo com Lionel Hauser, membro do Conselho Diretor da Sociedade de Teosofia da França, pertence à coleção de um homem altamente iluminado que reside no sul da França.

Les Mystères de la Science, de Louis Figuier, Paris, 1881(?), inclui uma concepção de um artista sobre a iniciação do conde e da condessa Cagliostro aos ritos secretos, presidida pelo conde de Saint-Germain. Este quadro parece ter sido inspirado por uma descrição que aparece in *Memoires Authentiques pour Servir a l'Histoire du Conde de Cagliostro*. Este livro foi publicado anonimamente em 1785 e costuma ser atribuído ao marquês de Luchet. De acordo com este pequeno volume, Cagliostro requisitou o favor de uma audiência secreta com Saint-Germain para si e para a esposa.

O encontro foi marcado para as duas horas da manhã. O santuário estava iluminado por centenas de velas e Saint-Germain sentava-se num palanque no meio da sala. No decurso do ritual, um livro misterioso foi aberto e Cagliostro ouviu a leitura

de seu próprio futuro, com a descrição detalhada de sua perseguição, julgamento, desonra e prisão. Em *A Modern Panarion*, H. P. Blavatsky escreve sobre Saint-Germain: "O tratamento que este grande homem, este aluno dos hierofantes hindus e egípcios, este conhecedor da sabedoria secreta do Oriente teve por parte dos escritores ocidentais é uma mancha na natureza humana."

Em muitos países europeus, especialmente a França e a Alemanha, houve um forte reflorescimento das crenças esotéricas na segunda metade do século XVIII. A confusão política daquele tempo inspirou muitas pessoas preocupadas com a situação a explorar a sabedoria do mundo antigo. As convicções miraculosas eram sustentadas por referências à escola alexandrina, que interpretava a teologia dos egípcios mais recentes em termos de magia e metafísica. Houve um forte reflorescimento do movimento rosacruz, da alquimia, astrologia, das artes herméticas, cabala e magia cerimonial. Apareceu uma literatura considerável e a ignorância dos crédulos foi explorada para fins de lucro pessoal.

Embora Saint-Germain atuasse em meio à confusão prevalecente dessas doutrinas, não foi tocado pelo psiquismo popular. Ele nunca foi acusado de fraude, embora fossem feitos muitos esforços para estragar sua reputação. Suas habilidades e realizações eram as maravilhas daquele tempo. Pessoa célebre, transitava pelos altos círculos da sociedade, sendo um artista talentoso, músico, químico competente e um dedicado estudioso das disciplinas iogues e tântricas, que ele dominava, as quais, segundo a crença, aprendera durante sua viagem à Índia na companhia de lorde Clive. Quando na companhia de eruditos, provou ser letrado em quase todos os ramos da erudição.

Saint-Germain era reconhecido por ter uma memória extraordinária, que disse ter sido disciplinada por meio da leitura regular do *IL Pastor Fido* de Battista Guarini (1538-1612), o célebre poeta italiano cortesão renascentista. Depois de uma associação mais ou menos infeliz com o duque de Ferrara, Battista se retirou para sua fazenda ancestral e escreveu *Il Pastor Fido* (O Fiel Pastor). Guarini era um polemista e, como Tasso, defendia uma reforma universal da sociedade humana. O *Pastor Fido* tem uma forte característica rococó. É elegante e foi dramatizado várias vezes. Diz-se que inspirou *The Faithful Shepherdess* (A Pastora Fiel) de John Fletcher.

A presente obra dá algumas indicações do conhecimento que Saint-Germain tinha das ciências obscuras. Como é de se esperar, parte do manuscrito está em código e não há uma chave óbvia para ele. Há símbolos gnósticos e algumas ilustrações que também parecem sugerir os mistérios gregos. As escolas francesas de Eliphas Levi, De Guaita e Papus no século XIX parecem ter herdado muito do seu simbolismo do reflorescimento da antiga sabedoria no século XVIII. Muitos estudiosos das ciências esotéricas parecem não ter conhecimento dessas escolas francesas, que estavam fortemente comprometidas com as artes e ciências secretas.

Embora quase duzentos anos tenham se passado desde sua morte ou desaparecimento, a pesquisa sobre o caráter e a carreira de Saint-Germain continua. Foi chamado "o homem que não morre", e é certo que o interesse por sua pessoa ainda está bem vivo. Ele pertencia a uma tradição na qual muitas pessoas querem acreditar. Ele testemunha a possibilidade da imortalidade e da conquista da sabedoria. Saint-Germain foi um iniciado da Tradição dos Mistérios e deve ser incluído entre aqueles que os rosacruzes chamaram de servos do Generalíssimo do Mundo e fiéis secretários da Natureza.

CAPÍTULO 1

O HOMEM QUE NÃO MORRE

O grande iluminista, rosacruz e maçom que se denominava conde de Saint-Germain é sem dúvida a mais intrigante personalidade da história moderna. Seu nome era um sinônimo de mistério e o enigma de sua verdadeira identidade ficou insolúvel, tanto para seus contemporâneos como para pesquisadores posteriores. Ninguém questionava o berço nobre ou a ilustre propriedade do conde. Sua personalidade como um todo levava a marca indelével da educação aristocrática. A graça e a dignidade que caracterizavam sua conduta, junto com sua perfeita serenidade em todas as situações, atestavam refinamento inato e a cultura de alguém acostumado a uma posição elevada.

Uma publicação londrina faz a seguinte análise breve de sua ancestralidade:

"Será que ele, em sua velhice, contou a verdade a seu entusiástico protetor e admirador, príncipe Charles de Hesse Cassel? Segundo a história contada por este seu último amigo, ele era filho do príncipe Rakoczy, da Transilvânia, e sua primeira esposa, uma Takely. Quando bebê, foi confiado à proteção do último Médici, Gian Gastone. Já adulto, soube que seus dois irmãos, filhos da princesa Hesse Rheinfels, de Rothenburg, haviam recebidos os nomes de Santo Charles e Santa Elizabeth, decidiu tomar o nome Santo Germanus, de seu irmão santo. Qual era a verdade? Apenas uma coisa é certa: ele era protegido do último Medici."

Caesare Cantu, bibliotecário em Milão, também apoia a hipótese Rakoczy, acrescentando que Saint-Germain foi educado na Universidade de Siena.

Na sua excelente monografia, *The Comte de St. Germain, the Secret of Kings*, a senhora Cooper-Oakley lista os nomes mais importantes sob os quais esta pessoa espantosa se disfarçou entre os anos 1710 e 1822. "Durante esse tempo", escreve ela, "temos M. de Saint-Germain como o marquês de Montferrat, conde Bellamarre ou Aymar em Veneza, chevalier Schoening em Pisa, chevalier Weldon em Milão e Leipzig, conde Soltikoff em Geneva e Leghorn, graf Tzarogy em Schwalback e Triesdorf, príncipe Ragotzky em Dresden, e conde de Saint-Germain em Paris, Hague, Londres e São Petersburgo."

A esta lista pode-se acrescentar que houve uma tendência entre escritores místicos a conectá-lo com o misterioso conde de Gabalais, que apareceu ao abade Villiers e pronunciou vários discursos sobre espíritos sobrenaturais. Nem é impossível que ele seja o mesmo notável signor Gualdi, cujas explorações Hargrave Jennings relata em seu livro *The Rosicrucians, their Rites and Mysteries*. Suspeita-se também que seja o conde Hompesch, o último Grande Mestre dos Cavaleiros de Malta.

Quanto à aparência pessoal, o conde de Saint-Germain é descrito como tendo altura mediana, corpo bem proporcionado. e traços regulares e agradáveis. Ele era moreno e seu cabelo escuro, embora frequentemente empoado. Vestia-se com simplicidade, usualmente de preto, mas suas roupas tinham bom corte e eram da melhor qualidade. Seus olhos possuíam um grande fascínio e aqueles que se fixavam neles eram profundamente influenciados. Segundo madame de Pompadour, ele afirmava possuir o segredo da juventude eterna e, em certa ocasião, afirmou ter conhecido Cleópatra pessoalmente e, em outra, ter "conversado intimamente com a rainha de Sabá!" Não fosse

por sua personalidade notável e seus poderes aparentemente sobrenaturais, o conde sem dúvida teria sido considerado louco, mas seu gênio transcendente era tão evidente que era meramente chamado de excêntrico.

CAPÍTULO 2

O MAIS RARO DOS MANUSCRITOS OCULTOS

Este manuscrito único, *La Très Sainte Trinosophie*, é de máxima importância para todos os estudiosos da maçonaria e das ciências ocultas. Não só é o único escrito místico do conde de Saint-Germain, como também é um dos documentos mais extraordinários relativos às ciências herméticas jamais compilado¹.

Embora as bibliotecas dos rosacruzes e dos cabalistas europeus contenham muitos tesouros raros do antigo saber filosófico, é extremamente duvidoso que qualquer uma delas tenha um tratado de maior valor ou importância. Há um persistente rumor de que Saint-Germain possuía uma magnífica biblioteca e que preparou certa quantidade de manuscritos sobre as ciências secretas para o uso de seus discípulos. Por ocasião de sua morte ou desaparecimento, esses livros e escritos desapareceram, provavelmente ocultos nos arquivos de sua sociedade, e nenhuma informação confiável está hoje disponível quanto ao seu paradeiro.

Sabe-se que o misterioso conde possuía numa época uma cópia do manuscrito da Cabala, pertencente ao Vaticano, obra de extraordinária profundidade que descrevia as doutrinas dos Luciferianos, Lucianistas e dos Gnósticos. O segundo volume de *A Doutrina Secreta* de H. P. Blavatsky (pp. 582-83 da edição original) contém duas citações de um manuscrito "supostamente de autoria do conde Saint-Germain". As partes dos parágrafos atribuídos ao iniciado húngaro não são claramente indicados, mas como o texto inteiro aborda o significado dos números, é razoável inferir que seus comentários sejam interpretações místicas dos numerais 4 e 5. Os dois parágrafos são semelhantes em conteúdo ao *Puissance des nombres d'après Pythagore* de Jean Marie Ragon. O Mahatma Koot Hoomi menciona um "Ms. cifrado" de Saint-Germain que ficou com seu fiel amigo e patrono, o bondoso príncipe Charles de Hesse-Cassel (ver *Mahatma Letters to A. P. Sinnett*). Referências a Saint-Germain comparativamente pouco importantes, e especulações mirabolantes quanto à sua origem e ao propósito de suas atividades europeias são abundantes, mas a pesquisa extremamente exaustiva da obra dos biógrafos do século XVIII em busca de informações relativas às doutrinas maçônicas e metafísicas que ele promulgou foram infrutíferas. Até onde foi possível assegurar, a presente tradução e publicação de *La Très Sainte Trinosophie* oferece a primeira oportunidade para possuir uma obra que mostra... da usual maneira velada e simbólica... as doutrinas esotéricas de Saint-Germain e seus associados.

La Très Sainte Trinosophie é MS. nQ 2400 na Biblioteca Francesa de Troyes². A

¹ Desde a primeira publicação desta obra, outro manuscrito de Saint-Germain foi encontrado. Está em minha posse e será publicado em breve. (M. P. H.)

² ...

obra não é extensa, consistindo em noventa e seis folhas escritas de um só lado. A caligrafia é excelente. Embora um tanto irregular na ortografia e na acentuação, o francês é usado de forma erudita e dramática, e o texto é adornado por numerosas figuras, bem desenhadas e de cores brilhantes. Além dos desenhos de página inteira, há pequenos símbolos no início e no fim de cada seção. Pelo texto francês estão espalhadas letras, palavras e frases em várias línguas antigas. Há também símbolos mágicos, figuras parecidas com hieróglifos egípcios e algumas palavras numa escrita que parece cuneiforme. No final do manuscrito há várias folhas escritas em criptogramas arbitrários, possivelmente o código usado pela sociedade secreta de Saint-Germain. A obra foi provavelmente executada no final do século XVIII, embora a maior parte do material pertença a um período consideravelmente anterior.

Infelizmente, muito pouco se sabe quanto à história deste notável manuscrito.

Capítulo 3

TRADUÇÃO DO MANUSCRITO

A SANTÍSSIMA TRINOSOFIA

Por Manly P. Hall e Júlia Bárány

(inserir ilustração 1 capa)

SEÇÃO I

Dentro da prisão, dentro dos cárceres da Inquisição, que teu amigo traça estas linhas que devem servir à tua instrução. Sonhando com as vantagens inestimáveis que deve te conferir este escrito de amizade, eu sinto mais doces os horrores de uma prisão tão longa quanto pouco merecida... Tenho prazer em pensar que, cercado de guardas, impedido por ferros, um escravo ainda pode elevar seu amigo acima dos poderosos, dos monarcas que governam este lugar de exílio.

Vais penetrar, meu caro Philochale, no santuário das ciências sublimes. Minha mão vai levantar para ti o véu impenetrável que oculta aos olhos do vulgo o tabernáculo, o santuário onde o Eterno deposita os segredos da natureza, segredos que Ele reserva para alguns privilegiados, para os Eleitos que sua onipotência cria para Ver, para elevar ao seu lado na imensidão de sua Glória, e despejar sobre a espécie humana um dos raios que brilham ao redor do seu trono de ouro.

Possa ser o exemplo de teu amigo uma lição salutar e eu bendirei os longos anos de provas que os perversos me fizeram sofrer.

Dois obstáculos igualmente perigosos se apresentarão sempre diante de teus passos. Um ultrajaria os direitos sagrados de cada indivíduo: é o Abuso do poder que Deus te confiou. Outro causaria tua ruína: é a Indiscrição... Ambos nasceram da mesma mãe, ambos devem sua existência ao Orgulho. A fraqueza humana os alimenta. Eles são cegos, sua mãe os conduz. Com sua ajuda, estes dois monstros vão levar seu alento impuro até os corações dos Eleitos do Altíssimo. Infeliz daquele que abusar das dádivas do céu para servir suas paixões. A mão toda poderosa que submete os Elementos o destruirá como a um frágil graveto.

Uma eternidade de tormentos mal poderá expiar o seu crime.

Os espíritos infernais rirão com desdém das lágrimas do ser cuja voz ameaçadora os fez frequentemente tremer no fundo dos seus abismos de fogo.

Não é por ti, Philochale, que esboço esta cena assustadora - o amigo da humanidade jamais será seu perseguidor -, mas a Indiscricção, meu filho, essa necessidade imperiosa de inspirar espanto e admiração, eis o precipício que eu receio por ti. Deus deixa aos homens a tarefa de punir o ministro imprudente que permite ao olho profano penetrar no santuário misterioso.

Ó Philochale, que minhas desventuras estejam sempre presentes em teu espírito. E eu também conheci a bondade. Coberto de bênçãos dos céus, cercado de um poder tal que o entendimento humano não pode conceber, comandando os gênios que dirigem o mundo, feliz pela bondade que eu fazia nascer,

desfrutei, no seio de uma família adorada, a felicidade que o Eterno' presenteia aos seus filhos queridos. Um instante destruí tudo, eu falei, e tudo se desfez como uma nuvem.

Ó, meu filho, não sigas os meus rastros... Que um vão desejo de brilhar aos olhos do mundo não cause também tua ruína. Pensa em mim, é dentro de um cárcere, com o corpo marcado pelas torturas, que teu amigo te escreve.

Philochale, reflete que a mão que traça estas letras leva a marca dos ferros que a oprimem.

.....
Deus me

puniu. Mas, o que fiz eu aos homens cruéis que me perseguem? Que direito têm eles de interrogar o ministro do Eterno? Eles me perguntam quais são as provas de minha missão. Meus testemunhos são os meus prodígios. Meus defensores: minhas virtudes, uma vida intacta, um coração puro. Que digo eu, tenho ainda o direito de me queixar? Eu falei. O Altíssimo me deixou sem força e sem poder, à mercê dos furores do avaro fanatismo. O braço que outrora podia conter um exército, hoje mal pode levantar as correntes que o oprimem.

Eu me perdi. Devo render graças à Eterna Justiça... o Deus vingador perdoou seu filho arrependido. Um espírito Aéreo atravessou as paredes que me separam do mundo resplandecente de luz. Ele se apresentou diante de mim, fixou o término do meu cativeiro. Dentro de dois anos, meus infortúnios findarão. Meus carrascos, ao entrar em meu cárcere, o acharão vazio. E logo, purificado pelos quatro elementos, puro como o gênio do fogo, eu recuperarei o lugar glorioso para onde a bondade divina me elevou. Mas, o quanto este final ainda está longínquo!

Quão longos parecem dois anos para aquele que os passa em sofrimentos, em humilhações! Não contentes de me fazerem sofrer os suplícios mais horríveis, meus perseguidores empregaram para me atormentar os meios mais sórdidos, mais odiosos ainda. Eles chamaram a infâmia sobre minha cabeça. Eles fizeram de meu nome um objeto de escárnio. Os filhos dos homens recuam com pavor quando o acaso os faz aproximarem-se das paredes da minha prisão. Eles creem que um vapor mortal escape pela abertura estreita, que deixa passar, como um lamento, um raio de luz em minha cela. Ó Philochale! É o golpe mais cruel que eles podiam desferir em mim...

Ignoro ainda se poderei enviar-te esta obra... Julgo as dificuldades que enfrentarei para fazê-la sair deste lugar de tormentos, e o que devo vencer para terminá-la. Privado de todo auxílio, compus eu mesmo os elementos que me são necessários. O fogo de minha lâmpada, algumas moedas e um pouco de substâncias químicas, escondidas aos olhares perscrutadores de meus carrascos, produziram cores que ornaram este fruto dos lazes de um prisioneiro.

Aproveita as lições de teu infortunado amigo, elas são tão claras, que existe o perigo de que este escrito caia em outras mãos que não as suas... Lembra-te somente que tudo deve te servir. Uma linha mal explicada, uma letra esquecida, te impediriam de levantar o véu que a mão do Criador pousou sobre a Esfinge.

Adeus, Philochale. Não me lamentes. A Clemência do Eterno iguala sua justiça. À primeira assembleia misteriosa reverás teu amigo. Eu te saúdo em Deus. Em breve darei o beijo da paz em meu irmão.

(inserir ilustração 2)

SEÇÃO II

Era noite, a lua coberta pelas nuvens sombrias não lançava mais que um clarão incerto sobre os blocos de lava que envolviam a Solfatara³. A cabeça coberta com um véu de linho, tendo em minhas mãos o ramo de ouro, avancei sem medo para o lugar onde recebia ordem de passar a noite. Errando sobre uma areia quente, senti-a, a cada instante, ceder sob meus passos. As nuvens acumulavam-se sobre minha cabeça. O relâmpago rasgava o vazio e dava uma cor de sangue às chamas do vulcão...

³ Solfatara: cratera de vulcão em estágio senil, que expele gás sulfídrico ou vapores de enxofre. (N. do T.)